



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

LIVRO-REPORTAGEM ‘DOR NO PEITO: O DESASTRE DA VALE EM BRUMADINHO ALÉM DO SILÊNCIO’¹

Louis Marie Ndomo Edoa²; louisnelma40@gmail.com

RESUMO

O desastre da Vale em Brumadinho resultou na morte de 272 pessoas e deixou um rastro de destruição ambiental, buscando impedir que o sofrimento das vítimas seja condenado à invisibilidade, o livro-reportagem: Dor no Peito: o desastre da Vale em Brumadinho além do silêncio, que conta as histórias de famílias de vítimas, investigou o ciclo de vida da cobertura jornalística do desastre da Vale, testando a máxima de que “os desastres começam efetivamente para uma comunidade quando a última emissora se retira de cena (ONU, 2015). Esta comunicação faz a análise de produção do livro. A metodologia, de natureza qualitativa, soma-se à pesquisa de campo com entrevistas em profundidade com autoridades que atuaram no resgate das vítimas. Como resultado, além da produção do livro, verificou-se a possibilidade de relacionar duas práticas jornalísticas: literário com o humanitário na produção de narrativas

PALAVRAS-CHAVE:

Brumadinho; Desastre da Vale; Mídia e luto; Jornalismo de paz; Jornalismo humanitário.

1. INTRODUÇÃO

O desastre da Vale em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019, decorrente do rompimento da barragem de rejeitos industriais da Mina, Córrego do Feijão, considerado o maior acidente de trabalho em número de mortos já registrado no Brasil, ceifou 272 vidas, 11 ainda desaparecidas, e afetou milhares de pessoas, deixando um rastro de destruição ambiental sem precedentes na história do país. Ao longo do tempo, o sofrimento das vítimas foi sendo condenado à invisibilidade, uma vez que a imprensa adota critérios de noticiabilidade que não garantem a presença da pauta de tragédias e outros acontecimentos que se estendem ao longo do tempo.

¹ Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Sob a orientação da Professora, Doutora Cilene Victor Da Silva.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (PPGCOM), bolsista CNPq, membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Jornalista formado pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (2020), também graduado em Filosofia e Teologia. Escritor, pesquisador em Comunicação com atuação em Jornalismo Digital e Jornalismo Humanitário. Trabalha com tema como: ética na comunicação, alteridade, desastre, conflito, invisibilização, jornalismo humanitário e de paz. e-mail: louisnelma40@gmail.com



Diante dessa realidade, a percepção da presença de um grupo mais vulnerável entre os atingidos pelo desastre da Vale em Brumadinho, como a tragédia ficou conhecida, foi determinante para se chegar ao objeto central do projeto que deu origem ao livro-reportagem ‘Dor no Peito: o desastre da Vale em Brumadinho além do silêncio’ que analisamos a produção no presente artigo. A presente pesquisa tem o objetivo de investigar o ciclo de vida da cobertura jornalística do desastre da Vale, em Brumadinho, testando a máxima de que “os desastres começam efetivamente para uma dada comunidade quando a última emissora se retira de cena” (ONU, 2015) no intuito entender como a tragédia foi tratada no livro comparando com a cobertura da imprensa.

Acompanhar o ciclo de vida da cobertura da imprensa pode dar pistas para se evitar que a violação dos direitos humanos e civis das vítimas do desastre seja perpetuada, por meio de uma narrativa jornalística espetacularizada ou em decorrência da ausência de cobertura (VICTOR, 2019). Para isso, a pesquisa adota como metodologia a análise qualitativa de reportagens publicadas nos principais jornais do país, desde o dia 25 de janeiro de 2019 até final de maio de 2020, usando para o levantamento das matérias palavras-chave como: “Vale”, “desastre”, “Brumadinho”. A análise qualitativa foi realizada com levantamento de 46 matérias dos jornais Estado de São Paulo; Folha de S.Paulo; O Globo; Jornal Nacional da TV Globo; CBN e Jornal da Record. Fundamentada na teoria da análise de conteúdo de Laurence Bardin, a análise permitiu de identificar e problematizar os momentos em que a imprensa foi mais presente e quando ela passou a se ausentar do cenário do desastre e das histórias das vítimas e seus familiares. A essa metodologia, soma-se a pesquisa de campo, em Brumadinho, com entrevistas em profundidade (DUARTE, 2010) com profissionais que atuaram no resgate, responsáveis do Instituto Médico Legal (IML), que ajudaram na identificação das vítimas, psicólogos e algumas famílias atingidas.

Este estudo é inspirado nas palavras de Aimé Cesaire, poeta e ensaísta francês: “Minha boca será a boca daqueles que não têm boca, minha voz, a liberdade daquelas que desmoronam na masmorra do desespero”³ (CESAIRE,

³ Livre tradução do original em francês: “*Ma bouche sera la bouche des malheurs qui n’ont point de bouche, ma voix, la liberté de celles qui s’affaissent au cachot du désespoir*”.



Cahier d'un retour au pays natal, 1939. Tradução nossa). Como o poeta se fazia de voz dos povos que não podiam falar, o presente projeto, ainda quer entender como o livro-reportagem visa ser a voz das famílias das 272 pessoas que perderam suas vidas e de todas aquelas que foram acometidas por esse crime socioambiental.

2. JORNALISMO HUMANITÁRIO E DE PAZ NA COBERTURA DE DESASTRES

Para a produção de conteúdo, o jornalismo parte daquilo que os teóricos chamaram de critérios de noticiabilidade. Porém, há de reconhecer que “atos que rompem com a normalidade de modo violento aguçam os sentidos de jornalistas em qualquer parte do mundo, atendendo aos critérios de noticiabilidade e aos interesses público e do público em um primeiro momento” (SANCHES, 2019, p.94). Muitos profissionais e empresas de comunicação buscam esse tipo de pauta, pois elas rendem mais audiências e atraem mais público. Como diz a máxima, publicar que um cão mordeu um homem não é notícia, mas se um homem mordeu um cão, isso sim é notícia. Os critérios de noticiabilidade que seguimos buscamos o primeiro impacto. Tudo parece buscar a resposta à pergunta: qual é a repercussão que essa notícia terá na sociedade?

Em contraponto a esta ideia, Shinar (apud SANCHES, 2019) afirma que “logo após o impacto inicial das notícias em tempo real, a importância desses temas, em particular, parece esvaír do âmbito midiático”. Essa ideia é que sustenta o interesse pelo nosso objeto pois, percebemos que a tragédia da Vale em Brumadinho vai perdendo a visibilidade midiática que tinha durante os primeiros meses que seguiram o rompimento da barragem. Essa prática e o processo sistemático e histórico “levantam questionamentos sobre a forma e prática profissional na cobertura de conflitos políticos” (SANCHES, 2019, p.95) e de tragédia como a da Vale em Brumadinho. Isso nos levou a procurar bases no jornalismo de paz e humanitário, uma vez que acreditamos poder encontrar respostas para esse impasse.

Cunhado pelo sociólogo norueguês Johan Galtung na década de 1970, o jornalismo de paz tem por objetivo “se posicionar contra a preferência da



imprensa tradicional em todo o mundo para uma cobertura condicionada à construção de uma realidade voltada à guerra, polarizada entre vitória e derrota, violência e propaganda [...] além de privilegiar as causas pelas elites e establishments” (apud SANCHES, 2019, p.95). Em outras palavras, o jornalismo de paz busca apresentar uma alternativa e sobretudo dar a possibilidade aos profissionais da comunicação de apresentar as causas, as medidas preventivas, a defesa dos direitos dos mais fragilizados. Isso é a defesa de um jornalismo mais humanitário e simples, cuja “prática pode ser alcançada se o jornalista fizer duas perguntas adicionais, além das que está acostumado: “sobre o que é o conflito e quais seriam as soluções?”” (SANCHES, 2019, p.95). Essa prática na produção jornalística busca criar no jornalismo uma nova base de interesses e valores onde são privilegiados a paz no lugar do conflito, a verdade, as pessoas e a resolução. Isso cria aquilo que Shinar (2011, apud SANCHES, 2019) vai chamar de “reeducação profissional” promovendo a desconstrução de paradigmas antigos que sempre nortearam a prática do jornalismo e introduzindo novos paradigmas que também acabam criando profissionais e sociedades mais humanas se podemos afirmar. Sanches (2019, p.98) confirma esse ponto de vista quando certifica que “o jornalismo de paz busca desconstruir paradigmas e dinâmicas cristalizadas na prática jornalística em toda sua complexidade social”, fomentando pluralidade de opiniões no simples objetivo de suscitar e ampliar uma visão crítica da opinião pública. Uma cobertura midiática responsável e consciente de conflitos, tragédias e desastres onde se promove a paz, o respeito da dignidade da pessoa e cria uma mudança de modelo de pensamento e construção dos meios de comunicação e seus donos, anunciantes, profissionais e audiência.

A busca e o caminho propostos pelo jornalismo de paz pensado por Gultang, segundo Sanches (2019, p.99), “pode abrir espaço e precedente para a influência do jornalismo de paz, o qual encontra sua relevância justamente na contribuição para a efetiva apresentação de assuntos de significância global”. Pois, construído a partir de tais princípios, o jornalismo de paz ajudaria a pensar os impactos dos conflitos e atitudes diante da sociedade em modo geral, acenderia uma visão crítica da opinião pública fruto de uma cobertura mais balanceadas que permite



interpretação da realidade. Wilhelm Kempf (2007, p.1) defende a contribuição e importância do jornalismo de paz na produção jornalística e midiática quando afirma que o objetivo é, “mesmo minoritariamente, [...] proteger a cobertura das armadilhas propagandistas nas quais a mídia tradicional cai de forma contínua. [...] Jornalismo de paz é um pré-requisito necessário do bom jornalismo”. Ele se inscreve como fundamental para o profissional da comunicação pelo fato que o chama a assumir a responsabilidade sobre como esse preenche seu papel social.

O jornalismo humanitário, na sua junção com o jornalismo de paz, contribui para o entendimento do acontecimento do dia 25 de janeiro de 2019 como prática para revelar aquilo que a mídia não está mais mostrando uma vez que saiu de cena: o cotidiano e sofrimento que as vítimas da Vale enfrentam. Nessa prática, o jornalismo de paz nos faz perceber que, se para todo profissional da comunicação e de modo particular para o jornalista é preciso ter um pouco de ética na produção, “convém, logo após a criatividade, apontar o último dos princípios filosóficos que embasam o jornalismo literário: a responsabilidade ética” (LIMA, 2009, p.389) do jornalista humanitário, jornalista literário e jornalista de paz. Pois, é bom lembrar que a ética é “uma questão indeclinável da tarefa jornalística” (PAULINO; OLIVEIRA, 2014, p.66). Ainda, da observância da ética é que depende a credibilidade do jornalismo e de suas produções. Assim, podemos dizer com Scott (2017) que o jornalismo humanitário se apresenta “de acordo com um entendimento mais abrangente do humanitarismo: como uma ética da bondade, benevolência e simpatia estendida universal e imparcialmente a todos os seres humanos” independentemente de sua condição.



3. ANÁLISE DE MÍDIA: OS DESAPARECIDOS⁴ E SEUS FAMILIARES NA IMPRENSA

Uma das primeiras e mais elaboradas matérias sobre as vítimas não-encontradas⁵ e seus familiares foi escrita pela jornalista Amanda Rossi e publicada pela Revista Piauí, em 19 de novembro de 2019, dia em que foram lembrados os 300 dias do desastre em Brumadinho. A jornalista abriu a reportagem com uma foto de objetos tirados da lama de rejeitos e com um relato que mostra o peso do clima que rodeia a vida dessas famílias. Isso se ilustra ainda pelo subtítulo: “Os 300 dias de luto e espera das famílias de pessoas engolidas pela lama em Brumadinho” (ROSSI, 2019).

“Não era o corpo inteiro do rapaz, avisou a funcionária do IML, na primeira ligação, mas só um fragmentou, reconhecido por DNA: a perna direita, ligada à ponta da coluna, com um pedaço do intestino e outro da pélvis!” (ROSSI, 2019). Relato forte e mais que triste, a jornalista conta aqui uma parte do telefonema do dia 12 de julho de 2019, recebido pela Arlete Gonçala Silva, mãe de Vagner Nascimento, soterrado pela lama de rejeitos. Na conversa relatada por Rossi, Arlete, que estava há mais de seis meses aguardando uma notícia sobre o paradeiro do corpo do seu filho, recebeu um telefonema que poderia lhe dar um certo alívio, no que diz respeito ao luto, mas que acabou provocando mais sofrimento: “ele não saiu para trabalhar só com uma perna. Perna não é corpo. Cadê o resto do meu filho?” Questiona. “Ele tinha o olho da cor da pele, marrom-claro. Ele só vivia rindo” (ROSSI, 2019). Traduzido nessas palavras, esse sofrimento é vivido até o momento por 11 famílias que ainda aguardam os corpos de seus entes queridos soterrados pela lama da Vale em Brumadinho.

⁴ Aqui faz-se importante relevar que as famílias das vítimas que não foram encontradas não aceitam que eles sejam chamados de desaparecidos. Para eles, desaparecida é alguém que ainda tem possibilidade de ser achado vivo, eles preferem que sejam chamados de vítimas não encontradas. Esta informação foi dada pela Natália Oliveira, irmão da Lecilda Oliveira, vítima falecida e não encontrada, funcionária da Vale. Natália faz parte da diretoria da AVABRUM, que é a Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina do Córrego do Feijão, Brumadinho. Por esta razão ao longo deste trabalho, tentaremos respeitar este desejo e utilizaremos a expressão de vítimas não encontradas no lugar de desaparecidos. É o respeito que podemos e devemos dar às famílias de vítimas.

⁵ Usamos a expressão ‘vítimas não-encontradas’ em respeito ao pedido das famílias que não consideram seus entes desaparecidos, mas não-encontrados. Isso pelo fato que todos sabem que eles estavam na mina na hora do rompimento e simplesmente continuam não sendo encontrados, engolidos pela lama de rejeitos.



O trabalho desempenhado pelo corpo de bombeiros, em ação em Brumadinho, tem sido destaque na mídia. “Até agora, já foram identificadas 94% das vítimas, taxa considerada um sucesso inédito em tragédias desse porte. Na queda das Torres Gêmeas, em Nova York, em 2001, o percentual de identificação não passou de 60%” (ROSSI, 2019). No entanto, esse esforço, bem que reconhecido pelas famílias, não é suficiente para ajudar a apaziguar os corações de quem ainda aguarde essa notícia triste. Rossi confirma isso quando escreve que “os números, no entanto, não consolam famílias e amigos de quem ainda não foi achado” (ROSSI, 2019). Isso é corroborado por Lieuzo dos Santos, um dos sobreviventes da tragédia, entrevistado pela jornalista, quando afirma:

Todo dia eu peço a Deus para serem encontrados e dar um alívio para a família deles. Pelo menos vão saber que achou. Ficar desaparecido é triste demais” falando dos companheiros e amigos de serviço com quem dividia os dias de trabalhos e que foram engolidos diante dele apesar de não ter visto o momento em que foram absorvidos “eu não vi eles afundando (ROSSI, 2019).

Um fato agravante percebido pela Rossi e relatado de comum acordo pela imprensa, é que os trabalhadores “não faziam ideia, mas a B1 vinha dando sinais preocupantes. Em dezembro, um radar havia detectado grande movimentação na barragem, em uma área de 1,5 hectare” (ROSSI, 2019). Um funcionário da empresa dona da barragem: a Vale, anotou uma deformação total progressiva. Informou à Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara sobre o caso. Ainda, Santos e seus quatro amigos que foram realizar mais uma perfuração no alto da Barragem 1, a B1, da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho “[...] não tinha a informação de que, em junho de 2018, a perfuração da barragem para a instalação de um dreno havia produzido uma fratura no maciço⁶ da estrutura” (ROSSI, 2019).

A dor das famílias das vítimas não-encontradas não é fruto só da ausência do corpo de seus entes queridos. Ela ainda é consequência do tratamento que esses recebem das instituições. Rossi (2019) exemplifica isso: “para o Corpo de

⁶ O maciço da barragem é construído em solo compactado, independentemente do tipo de rejeito. Ele é construído a partir do rejeito razão pela qual a barragem necessita de rejeito grosso para que o maciço possa ser construído. Informação obtida no site da Vale. Disponível em: http://www.vale.com/sites/search/pt/Paginas/results.aspx?k=maci%C3%A7o&u=http://www.vale.com/brasil/PT/abovale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho. Acesso em 22 nov. 2019.



Bombeiros e a Vale, Silva deixava de constar na lista dos desaparecidos da tragédia. Oficialmente, dos 270 mortos, 254 já foram localizados e identificados [porém] dois de três deles, em fragmentos”. Para essas famílias, um fragmento não representa a pessoa perdida, apesar do fato que esse fragmento já pode trazer um certo alívio ou reduzir a dor da procura do corpo. Mesmo após ter notificado o encontro desse fragmento, a família ainda continua na expectativa de encontrar o resto do corpo pois muitas delas “convivem [...] com um dilema inimaginável: enterrar um fragmento de seus parentes ou esperar que todo o corpo seja encontrado” (ROSSI, 2019).

Arlete Gonçala Silva entra no grupo das famílias cujo relato figura no livro. Em conversa, ela relatou a dor que enfrentou até 14 de março de 2020. “Eu não aceitei enterrar só um pedaço do Vagner, quando ele saiu de casa, saiu inteiro, não foi só a perna”. Helena Taliberti, outra vítima do crime da Vale, confessa que tudo mudou na vida dela e nunca mais voltará a ser igual. “Nada é igual, tudo mudou, a minha vida não tem mais sentido. Nesse crime, eu perdi meu filho, Luiz Taliberti Ribeiro da Silva, a minha filha, Camila Taliberti Ribeiro da Silva, a minha nora, Fernanda Damian de Almeida, o pai dos meus filhos, meu ex-marido, Adriano Ribeiro da Silva, meu neto pois minha nora estava grávida e posso ainda contar a mulher do meu ex-marido Maria de Lurdes da Costa Bueno”. Para Helena, foram diretamente quatro pessoas se não contar o ex-marido e a esposa dele que continua não-encontrada. Essa família perdeu seis membros.

“Naquele dia, liguei para Lecilda, como sempre e desejei um bom dia de trabalho. Éramos muitas ligadas, uma sabia o que a outra fazia e tínhamos uma vida feliz”, revelou Natália de Oliveira, irmã da Lecilda de Oliveira, funcionária da área administrativa da Vale, falecida não-encontrada. Essas três famílias revelam ainda outros fatos em comum: “a Vale não nos ligou para nem sequer apresentar os pêsames, não fomos informados que nossos parentes tinham falecidos ou sido vítimas de um crime ou tragédia. Não recebi até agora nenhuma ligação da Vale”, relataram e consta no livro.



4. JORNALISMO LITERÁRIO E PESQUISA DE CAMPO

A produção ou o surgimento do livro-reportagem não vem com o objetivo de eliminar ou anular a existência dos periódicos jornalísticos já existentes. Isso parte do fato de que o livro-reportagem não poderá trazer, com a mesma rapidez, informação sobre um fato atual, como a nota e a notícia o fazem. Não é esse o papel que deve desempenhar. “A tarefa do livro-reportagem pode ser vista tanto mais complementadora dos periódicos e do jornalismo eletrônico quanto mais se percebe que aquela resulta, muitas vezes, do interesse inicialmente despertado pela mídia cotidiana” (LIMA, 2009, p.41). Continuando nessa mesma linha de pensamento de Rocha e Xavier (2013), citando Fontcuberta (1999, p. 18): “da atualidade jornalística pode-se dizer que ‘o tempo é um elemento básico para distinguir a notícia de outro tipo de informação’” como a reportagem ou ainda a grande-reportagem. Lima, caminhando na mesma direção explicita que “essa complementação se dá pela tentativa de o livro escapar da efemeridade e da superficialidade na imprensa cotidiana” (LIMA, 2009, p.41). O livro-reportagem entra onde a notícia e mesmo a reportagem não conseguiram chegar. Ele vem aprofundar e trazer mais informações sobre o assunto que a notícia e a reportagem apresentaram ao leitor. Por isso é que, “o livro-reportagem, necessariamente, preocupa-se com os temas ricos o suficiente para envolver vários círculos concêntricos” (LIMA, 2009, p.42).

A necessidade e o sustento do livro-reportagem surgem em definitiva análise da impossibilidade de ter, no jornalismo cotidiano, uma apuração que oferece tratamento extensivo do conjunto do assunto. O “fato é que o tema ‘escapa’ à imprensa cotidiana e é absorvido no livro-reportagem” (LIMA, 2009, p.50) que traz uma abordagem maior, como se alcançou com o livro reportagem *Dor no Peito: o desastre da Vale em Brumadinho além do silêncio*. Assim, podemos afirmar sem mais nem menos que a narração no livro-reportagem refere-se ao fato de escolher elementos para compor o fato que deseja-se reportar. Afirmação que vai corroborar com pensamento de Aristóteles (2000, p.103) quando escreveu, “pois, tal como há os que imitam muitas coisas, exprimindo-se com cores e figuras [...], assim acontece nas sobreditas artes: na



verdade, todas elas imitam com o ritmo, a linguagem, usando estes elementos separada ou conjuntamente”.

O livro-reportagem, cuja análise é fruto deste trabalho, é uma junção das características dessas diferentes vertentes do livro-reportagem, uma vez que a complexidade do tema dos desastres, como o da Vale em Brumadinho, se impõe como um desafio às fronteiras da classificação. Pode haver a sobreposição de um tipo aos outros, porém, visto a amplitude e sensibilidade do tema que abordamos, todas essas faces que definimos apareceram.

No que diz respeito à narração em si, entendemos que ela é uma mistura de vários elementos para compor uma produção. Vemos com isso que, falar de narração, é sustentar a ideia da “necessidade de relatar com força, precisão, clareza e impacto” (LIMA, 2009, p.148) fatos, acontecimentos sendo que, a narrativa jornalística tem algumas particularidades que necessitam ser observadas e respeitadas quando comparadas a outros tipos. A aplicação da teoria se deu na estruturação e montagem do livro ‘Dor no Peito’ que apresentamos nos resultados de produção e análise.

5. RESULTADOS DE PRODUÇÃO

O principal resultado obtido nessa pesquisa é uma junção de duas práticas jornalistas: o jornalismo literário e o jornalismo humanitário para produção de narrativas jornalísticas mais humanas e cheias de sentimentos. Duas práticas que entendemos ser importante para o exercício do jornalismo na nossa sociedade. O jornalista, hoje, não é só produtor de conteúdo, mas produtor humanitário de conteúdo. Isso pelo fato que necessita ter empatia e entender que somos humanos quando nos aproximamos de pessoas e queremos relatar suas histórias. Como dizemos antes, não se pode perpetuar a vulnerabilidade de quem já está fragilizado e vulnerável. Quem se encontra nessa posição precisa ser protegido e é tarefa também do jornalista de preservar a dignidade das pessoas.

Junto a esse grande resultado, a produção do livro-reportagem como registro das histórias das vítimas da Vale em Brumadinho, mas sobretudo trazer



pistas de como o jornalismo humanitário pode auxiliar na nossa profissão. Por isso, pensamos ser interessante apresentar a estruturação e montagem do livro.

Em todo o livro, partimos sempre das entrevistas e depoimentos colhidos com as famílias dos desaparecidos de Brumadinho. Tomamos como inspiração básica para esta organização editorial a técnica usada no clássico do jornalismo literário, o livro *'Hiroshima'*, de John Hersey. Nela combinamos com a técnica de outro clássico: *'Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss'*, de Daniela Arbex. Esses dois livros foram a base sobre a qual construímos nosso relato por considerá-los referências em jornalismo literário.

Nisso, contamos momentos familiares e, de forma específica, as últimas conversas ou lembranças que os familiares guardam das vítimas: no capítulo: *Última memória*. A intenção foi contar o último momento que os familiares tiveram com as vítimas, mostrando como as nossas histórias podem ser levadas a mudanças repentinas, alterando também o curso do nosso existir e dos planos que às vezes fazemos.

Tragédia que deixou muitos corações aflitos e divididos em meio às dores e a sofrimentos mostrou-se um desafio para o relato. Não tivemos critérios para realizar a escolha das fontes, visto que as famílias das 272 vítimas sofrem de uma dor que não passará nunca, uma dor cravada no peito de cada membro dessas famílias, como afirmaram durante as entrevistas que nos concederam. Por isso trabalhamos com as famílias que aceitaram confiar suas histórias e autorizaram a divulgação, longe de todo sensacionalismo e exposição dessas pessoas.

A ideia inicial era contar as histórias das famílias das vítimas não encontradas, porém ao longo da pesquisa de campo encontramos histórias de famílias que, apesar de ter seus familiares declarados encontrados, têm histórias que necessitam ser conhecidas. É o caso da Helena Taliberti, que perdeu os dois únicos filhos, a nora grávida, o ex-marido e a esposa dele ainda não-encontrada. Ao todo seis pessoas ligados por alguns laços; seis membros da mesma família. Podemos ainda citar Arlete Gonçala da Silva, que recebeu uma perna do filho Vagner Nascimento, declarado encontrado enquanto, para ela o filho continua não-encontrado, pois só recebeu uma parte do corpo dele. Temos ainda Lecilda



de Oliveira, irmã da Natália de Oliveira, funcionária da área administrativa da Vale cujo corpo não foi encontrado, que ainda aguarda a ligação da Vale para comunicar que a Natália está falecida. “Não recebi nenhuma ligação da empresa, como uma empresa pode tratar assim seus funcionários?”, perguntou durante a entrevista. A divisão do livro segue a seguinte ordem:

O capítulo *São Paulo*: apresenta o envolvimento do autor com o tema. Conta como recebi a notícia do rompimento da barragem e o interesse em trabalhar esse assunto.

Respeitar a dor do outro – Jornalismo Humanitário: apresenta uma prática jornalística fundamental para o tratamento de assunto de grande comoção como o rompimento da barragem da Vale. O capítulo traz elementos básicos do jornalismo humanitário, em conversa, ou iluminando o rompimento da Vale em Brumadinho.

Qui sont-ils? Derivado do nome de um programa que minha mãe ouvia na minha infância e que contava sobre personagens famosos ou heróis, este capítulo traz uma pequena apresentação das vítimas cujas histórias das famílias contamos. É um capítulo simples e singelo que faz uma certa homenagem a cada um deles. As fontes aqui são os próprios familiares relatando quem eram aquelas pessoas que perderam.

A esperança: este capítulo, que talvez deveria ser o último, conta sobre o fio de esperança que anima os familiares das vítimas e levou-os a contarem histórias de seus entes queridos. Apesar da dor que tomou conta da vida dessas famílias, neste capítulo, mostramos que elas ainda têm aquela vontade de seguir com a vida e por isso, mesmo sendo difícil, alimentam uma certa esperança.

Morte e luto: este capítulo traz a relação entre a questão da morte, o luto e a ausência do corpo. Aqui tratou-se de contar como as famílias das vítimas de Brumadinho estão lidando com a questão da perda de seus familiares.

A barragem rompeu: neste capítulo, construído a partir de dados obtidos das investigações das Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) do Senado e da Câmara do Deputados, mostramos que a Vale sabia da possibilidade de rompimento da barragem, porém houve uma certa negligência da parte da empresa. O capítulo foi construído na sua íntegra, com documentos oficiais



obtidos através da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, do Ministério Público do Estado e das conclusões das CPI. Esses órgãos foram as fontes do capítulo e enviamos para a Vale um questionário para ter seu posicionamento. Também tentamos contato com um engenheiro de Geotecnia para possíveis explicações sobre o funcionamento desse tipo de barragem, mas não foi possível obter uma resposta até a conclusão da pesquisa.

Estava... Fazia...: como o nome do capítulo indica, aqui relatamos o momento em que os familiares receberam a notícia do rompimento da barragem da Vale e quais foram as primeiras iniciativas, como elas foram atrás de seus familiares que estavam na região ou trabalhando na mina do Córrego de Feijão.

O Instituto Médico Legal: Entre os vários lugares em que foram feitas as buscas de seus entes queridos, pelos familiares, os hospitais e o IML foram os lugares mais visitados. Este último acabou sendo o mais solicitado, entre os serviços que atuaram no desastre, pela quantidade de óbitos. Ainda, o contato com este lugar não foi fácil, familiares reclamaram da demora no atendimento, enquanto outros colocaram, nos profissionais, suas esperanças diante da angústia da identificação de seus parentes. Aqui contamos como foi esse contato com o IML, à espera da identificação, a liberação dos fragmentos e contato com os profissionais.

Os Paladinos: Os bombeiros: muitos testemunhos como a grande esperança dos familiares, relatamos como foi a relação dos familiares com os heróis de Brumadinho.

Há males que vêm para um bem: a expressão foi usada para relatar um fato intrigante que surgiu do desastre e afligiu muito os corações dos parentes das vítimas: tirar proveito de uma catástrofe. Partimos dos relatos de familiares e de conversas que ouvimos no município, para relatar como esta expressão causou males enormes na vida dos atingidos.

Tenente Rocha e Sargento Azevedo: relato dos primeiros bombeiros a atuarem no local da tragédia.



Ricardo Araújo: relato do chefe serviço do setor de tanatologia do IML de BH que coordenou as identificações e foi o representante do órgão nas reuniões semanais com as famílias das vítimas.

O memorial: no local do rompimento, será construído um memorial em homenagem às 272 vítimas do rompimento. A partir do relato dos membros da Associação que representa os familiares das vítimas e sobreviventes e das informações obtidas no site da empresa que projetou o memorial, apresentamos como será esse espaço. Nesse memorial, serão depositados restos mortais dos familiares que não foram enterrados e estão sendo conservados no IML de BH.

AVABRUM: Associação dos Familiares das Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina Córrego do Feijão. Falamos brevemente dela e da sua atuação.

Não me ligaram: Falar sobre o autor e o porquê escrever esse livro. Uma breve resposta à pergunta e a revelação de um fato: a desconsideração e a indiferença da Vale com a dor das famílias das vítimas.

Entre os 272 mortos no desastre da Vale em Brumadinho, o livro vai narrar a história de famílias que, juntas, tiveram sete de seus parentes ceifados no crime do dia 25 de janeiro. Além do relato dos bombeiros que participaram das primeiras horas de resgate e do médico legista, chefe do serviço de tanatologia do Instituto Médico Legal de Belo Horizonte, Ricardo Moreira de Araújo. Essas são algumas das personagens centrais do nosso trabalho, como apresentamos no quadro a seguir:

Vítima	Familiar / Fontes	Grau de parentesco	Observações
Lecilda de Oliveira	Natália de Oliveira	Irmão	Funcionária da Vale
Luiz Taliberti	Helena Quirino Taliberti	Mãe	Hóspedes da Pousada Nova Estância
Camila Taliberti			
Fernanda Damian de Almeida	Newton Vagner Diniz	Sogra	Hóspede da Pousada Nova Estância
Vagner Nascimento	Arlete Gonçala Silva	Mãe	Funcionário da Vale
	Tenente Filipe Rocha de		Bombeiro, atuou nas primeiras



	Almeida Costa		horas do resgate
	Sargento Allan Azevedo de Oliveira		Bombeiro, atuou nas primeiras horas do resgate
	Ricardo Moreira de Araújo		Médico legista, chefe do serviço de tanatologia do IML de BH, responsável pela identificação dos corpos

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto teve como objetivo apresentar e analisar a produção do livro-reportagem: ‘Dor no Peito: O desastre da Vale em Brumadinho além do silêncio’. Abordamos pontos específicos do desastre da Vale e das histórias das famílias das vítimas em Brumadinho. Num relato não linear, montamos uma babel dos acontecimentos de 25 de janeiro de 2019 e dos dias que se sucederam até hoje. Partindo de pontos comuns entre todas as famílias acometidas e verificando o trabalho da imprensa na cobertura desse fato.

A caminhada, que deu origem a junção de duas práticas jornalísticas, nos permitiu entender que é possível fazer jornalismo com um olhar diferente, inovador e sobretudo no respeito da dignidade da pessoa humana, pessoa fragilizada, exposta, necessitando de auxílio. O encontro com as famílias de vítimas da Vale em Brumadinho, relatado no livro, nos permitiu entender a profundidade da experiência do encontro com o outro e da abertura ao humanismo. Por isso, podemos olhar para um pensador como Lévinas (2011) e entender quando ele afirma que a voz que vem da outra margem precisa nos interpelar e incomodar.

Encontramos então no jornalismo humanitário e de paz essa porta ou esse paradigma para uma reconstrução da prática jornalística. No jornalismo humanitário entendemos que há possibilidade de abrir espaço e precedente para a influência do jornalismo onde a relevância se faz na contribuição para a efetiva apresentação de assuntos de significância global. Isso nos fez concluir parcialmente que o jornalismo humanitário e de paz é um pré-requisito necessário para o bom jornalismo hoje. Ainda, ele se inscreve como fundamental para o profissional da comunicação pelo fato de chamá-lo



constantemente a assumir a responsabilidade sobre como ele preenche seu papel social.

Na outra ponta e terminando por lá, desejamos lembrar, como já foi dito por nós, que o jornalismo humanitário não vem substituir ou excluir as ferramentas do jornalismo tradicional, mas redefinir as bases no objetivo de reencontrá-las e consolidar a confiança conquistada pelo jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia geral:

CIRO, Marcondes Filho (org.). **Dicionário da comunicação**. 2ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2009

LIMA, Pereira Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009

SANCHES, Lilian Ribeiro. **A cobertura de ataques terroristas na sociedade em rede: Os atos em Mogadíscio e Paris na perspectiva de cinco veículos jornalísticos**. 2019, 212f. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2019

VICTOR, Cilene. **A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo humanitário**. Folios, v. 1, p.20-30, 2018

Brumadinho: livros, monografias, dissertações, teses:

GOULART, Julia Castello. **Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019

RAGAZZI, Lucas; ROCHA, Murilo. **Brumadinho: a engenharia de um crime**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019

Webgrafia:

GALTUNG, J. **The task of peace journalism**. Ethical perspectives, n. 7, 2000. Disponível em: <http://www.ethics.be/ethics/viewpic.php?LAN=E&TABLE=EP&ID=141>. Acesso em jul. de 2019.

KEMPF, W. **Constructive Conflict Coverage: A social-Psychological Research and Development Program. Conflict and communication online**. 2003. Disponível em: www.cco.regener-online.de. Acesso em jul. de 2019.

PAULINO, Fernando Oliveira; OLIVEIRA, Madalena (2014). Ombudsman em veículos de Comunicação do Brasil e de Portugal: reflexo sobre atividades desenvolvidas entre 1989-2013 **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** - Volume 10 - Número 1. 2014, pp. 64-81. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/585/534>. Acesso em 19 nov. 2019.



ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores - Revistas USP**. Nº 14, Vol. 7, julho-dezembro 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/louis/Downloads/69434-Texto%20do%20artigo-91921-1-10-20131221.pdf>. Acesso em abril de 2020.

ROSSI, Amanda. Fragmentos de vida e morte: Os 300 dias de luto das famílias de pessoas engolidas pela lama em Brumadinho. In. Anais da Burocracia ambiental, **Revista Piauí, Folha de S. Paulo online**. São Paulo, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/fragmentos-de-vida-e-morte/?fbclid=IwAR30LpWmQpvBCvVPCzrHiMhB5MM8PPsvrBqsWWMabOwjJas17Ux3T4GcNU>. Acesso em 20 nov. 2019

SCOTT, Martin. **What makes news humanitarian?** The dilemmas of reporting on suffering. In: Public Media Alliance. Maio de 2017. Disponível em: <https://www.publicmediaalliance.org/what-makes-news-humanitarian/>. Acesso em 01 maio de 2020